

Resenha: Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira de Rosana Glat e Edicléia Mascarenhas Fernandes

Introdução

No artigo em questão, as autoras fazem uma breve reflexão sobre os caminhos da Educação Especial no país, considerando os paradigmas teóricos vigentes e políticas educacionais em voga. Nessa empreitada, tomam o cuidado de frisar que as novas propostas não encerram ou esgotam as anteriores; antes, somam-se e buscam a coexistência com modelos já impetrados em nosso panorama educacional, já que as dificuldades de recursos institucionais e humanos são impositivas.

Desenvolvimento

Para abonar a leitura que fazem deste cenário destacam que, inicialmente, a Educação Especial baseava-se em suporte à escola regular, configurando-se como um sistema paralelo de ensino que não contemplava de forma enfática as

várias possibilidades de desenvolvimento intelectual dos indivíduos.

Nessa busca progressiva por uma afirmação teórica e prática, a Educação Especial procurou garantir acesso à escola aos portadores de deficiências, inicialmente de forma clínica já que a deficiência era encarada como doença e seu viés, portanto, terapêutico, com o rigor dos exames médicos e psicológicos. Havia, então, pouco investimento na atividade acadêmica.

Num segundo momento (nos anos 70), a institucionalização dessa educação, aspirando aos avanços da Pedagogia e da Psicologia da Aprendizagem, enfoca o aspecto comportamental, mudando o paradigma de modelo médico para o modelo educacional. A ênfase não está mais na deficiência do indivíduo em si, mas em seu meio, por não proporcionar as

condições necessárias ao seu desenvolvimento. A metodologia da análise aplicada do comportamento indica o momento dos 'métodos e técnicas' e da conseqüente segregação do ensino regular na rede pública.

Nesta busca de recursos e métodos mais eficazes, a história da Educação Especial no país entra nos anos 80 acompanhando a tendência mundial de combate às desigualdades, e institui-se como filosofia da Integração e Normatização. Com isso, o modelo segregador passou a ser questionado, buscando-se, assim, alternativas pedagógicas de inserção, preferencialmente no sistema regular de ensino, modelo que prevalece ainda hoje, visando preparar alunos oriundos das classes e escolas especiais para a integração em classes regulares.

Essa nova mentalidade ganhou força no processo de redemocratização, resultando em transformação das políticas públicas, dos objetivos e da qualidade dessa educação. Entram em cena, nesta filosofia da integração, o construtivismo de Piaget e Emília Ferrero, e o sociointeracionismo de Vigotsky, que entende ser viável construir-se conhecimento na interação social. Enquanto isso, outra vertente teórica, voltada para os aspectos psicossociais, investiga as relações interação social / marginalização / socialização, que promovem a segregação, buscando entendê-las.

Conclusão

Sobre a produção de conhecimento a respeito do assunto, as autoras afirmam que, na última década, erigiu-se um significativo acervo de pesquisas que disponibilizam subsídios importantes ao tema, porém são ainda poucas as pesquisas, experiências e práticas educacionais validadas cientificamente, que possam indicar o caminho do 'fazer inclusivo' no cotidiano escolar.

Conclui-se que a noção de complexibilidade aplicada à Educação Inclusiva mostra que haver ainda muito por fazer para que, efetivamente, exista uma proposta educacional amplamente difundida e compartilhada para o atendimento às pessoas portadoras de necessidades especiais. Só assim teremos um sistema educacional de qualidade e ao alcance

de todos em nosso país.

Apesar dos significativos avanços teóricos na concepção metodológica da Educação Especial, entende-se ainda existir uma imensa lacuna na prática escolar cotidiana, fomentada pela deficiência de recursos humanos e institucionais, a qual parece se arrastar pela história como resultado de omissão e descaso político.